

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
17 e 28 de Fevereiro de 2022
JEAN-DANIEL POLLET – A MATÉRIA DO MUNDO

BASSAE / 1964

Um filme de Jean-Daniel Pollet

montagem: Jean-Daniel Pollet / *Texto:* Alexandre Astruc / *Narração:* Jean Negroni / *Imagem (35mm, cor):* Jean-Daniel Pollet, C. Recors / *Som:* Guy Montassut
Produção: CMS / *Cópia:* CNC, 35 mm (cópia restaurada), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 9 minutos / *Estreia Mundial:* Bienal de Veneza, 1964 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 9 de Maio de 2009, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

Bassae é apresentado com **Méditerranée** (“folha” distribuída em separado).

Jean-Daniel Pollet é um realizador proteiforme, que nunca se deixou entravar pelas convenções das formas e da produção cinematográficas. Como bem observou um crítico, “*não se viu Pollet quando só se viu um filme de Pollet*”. Companheiro de viagem da Nouvelle Vague, Pollet começou por ficções típicas do novo cinema francês de 1960, mas cedo começou a realizar filmes-ensaio, o mais célebre e mais admirado dos quais é **Méditerranée**. Continuou a alterar os dois registos, realizando filmes cómicos (com a presença recorrente do mesmo personagem, encarnado por Claude Melki), falsas reportagens, alegorias políticas, documentários, filmes de montagem, retratos de escritores. Mas, por incrível que pareça, a sua obra continua insuficientemente reconhecida e divulgada, há poucos escritos de fundo sobre o seu trabalho (destaca-se o livro *Entre-Vues*, organizado por ele e Gérard Leblanc) e as retrospectivas integrais em festivais e cinematecas tornaram-se raras durante muito tempo, devido à ausência de cópias de qualidade.

Em **Bassae** há um tema central no cinema de Pollet, o Mediterrâneo e os seus mitos, mais particularmente a Grécia, neste caso a Grécia Antiga, numa meditação sobre as ruínas. À sua maneira o filme ilustra uma ideia central do trabalho de Pollet, cineasta erudito, cineasta da modernidade literária e sociológica: “*Eu gostaria de mostrar que só existe um lugar: o lugar interior de cada um*”.

Bassae é uma extensão do trabalho de Pollet em **Méditerranée**, filme que o fez dizer em 1967: “*Talvez me seja mais fácil filmar as coisas do que as pessoas. Acredito muito em «Le Parti-pris des Choses» de Francis Ponge [escritor de seria objecto de um dos seus últimos filmes, **Dieu Sait Quoi**]. A literatura moderna mostrou que o meio no qual se vive é tão importante quanto a vida em si. Recuso-me a considerar este meio como um simples cenário*”. Em **Bassae**, filmado no espaço de um dos templos mais bem conservados da Grécia Antiga, dedicado a Apolo, Sollers se interroga sobre as marcas do passado, sobre aquilo a que estas marcas nos levam, sobre a nossa capacidade em saber olhá-las. Unindo um texto de excelente teor literário, de Alexandre Astruc (o texto originalmente previsto, de Philippe Sollers, foi considerado incompreensível pelo produtor), a imagens enquadradas com extremo rigor, mas sem austeridade ostensiva (há movimentos de câmara, cortes bruscos, variada escala de planos), **Bassae** é um filme sobre a relação do homem com o tempo. O texto nunca nos diz onde estamos, nem dá explicações sobre o templo, Pollet evita toda e qualquer redundância, pois não quis fazer um “documentário” nem uma obra pedagógica e sim uma reflexão. Através da contemplação da pedra, elemento perene porque sem vida, mas da pedra transformada pelo homem, Pollet fez um filme sobre o olhar e o objecto, ou seja, em última análise um filme sobre o cinema, um cinema “*que consegue escapar à imitação do cinema*”, segundo a admirável fórmula que utilizou numa entrevista.

Antonio Rodrigues